

***DONNA LEON***

**NADA COMO TER  
AMIGOS INFLUENTES**

Tradução

*Carlos Eugênio Marcondes de Moura*



COMPANHIA DAS LETRAS

Copyright © 2000 by Donna Leon and Diogenes Verlag AG, Zurich  
Todos os direitos reservados.

*Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009.*

*Título original*

Friends in High Places

*Projeto gráfico*

Alceu Chiesorin Nunes

Bruno Romão

*Capa*

Claudia Espínola de Carvalho

*Foto de capa*

© Evgeny Govoov/ Shutterstock

*Preparação*

Ana Cecília Agua de Melo

*Revisão*

Adriana Bairrada

Marise Leal

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)  
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

---

Leon, Donna  
Nada como ter amigos influentes / Donna Leon ;  
tradução Carlos Eugênio Marcondes de Moura. — 1ª ed.  
— São Paulo : Companhia das Letras, 2017.

Título original: Friends in High Places.

ISBN 978-85-359-2915-7

1. Ficção policial e de mistério (Literatura  
norte-americana) I. Título.

17-03424

CDD-813.0872

---

Índice para catálogo sistemático:

1. Ficção policial e de mistério : Literatura  
norte-americana

813.0872

[2017]

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA SCHWARCZ S.A.

Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32

04532-002 – São Paulo – SP

Telefone: (11) 3707-3500

[www.companhiadasletras.com.br](http://www.companhiadasletras.com.br)

[www.blogdacompanhia.com.br](http://www.blogdacompanhia.com.br)

[facebook.com/companhiadasletras](https://facebook.com/companhiadasletras)

[instagram.com/companhiadasletras](https://instagram.com/companhiadasletras)

[twitter.com/cialetras](https://twitter.com/cialetras)

*... Ah dove  
Sconsigliato t'inoltri?  
In queste mura  
Sai, che non è sicura  
La tua vita*

*... Ah onde  
Precipitado entras?  
Sabes, nesses muros  
Tua vida  
Não está segura*

*Lucio Silla  
Mozart*

# 1.

Quando a campainha tocou, Brunetti se refestelava no sofá da sala de estar, com um livro aberto em cima da barriga. Sozinho no apartamento, sabia que tinha de levantar e atender, mas antes queria acabar de ler o oitavo capítulo da *Anabasis*, pois queria saber quais novos desastres aguardavam os gregos que batiam em retirada. A campainha tocou uma segunda vez, dois toques insistentes, breves. Ele pôs o livro de lado, tirou os óculos, colocou-os no braço do sofá e levantou. Seus passos eram lentos, apesar da insistência com que a campainha havia soado. Era sábado de manhã, seu dia de folga, a casa era toda sua, Paola tinha ido ao Rialto à procura de caranguejos de casca mole, e a campainha precisava tocar justamente naquele momento.

Imaginou que seria um dos amiguinhos de seus filhos, à procura de Chiara ou Raffi ou então, o que era pior, um dos portadores da verdade religiosa que amavam interromper o repouso de um homem trabalhador. Pedia à vida nada além de ficar deitado de costas, lendo Xenofonte enquanto aguardava sua mulher voltar para casa com os caranguejos de casca mole.

“Pois não?”, ele disse ao atender o interfone, num tom de voz pouco acolhedor, com o objetivo de desencorajar jovens desocupados e despachar os propagandistas de qualquer fé.

“É Guido Brunetti?”, perguntou uma voz masculina.

“Sim. De que se trata?”

“Sou do Ufficio Catasto. É sobre seu apartamento.” Quando Brunetti não disse nada, o homem indagou: “O senhor recebeu nossa carta?”

Brunetti se lembrou de ter recebido um documento havia um mês e pouco, um papel repleto de frases complicadas e burocráticas, algo relativo à documentação do apartamento ou à construção do prédio. Não conseguia recordar muito bem. Dera apenas uma rápida olhada no documento, se arrepiando com a redação repleta de fórmulas. Depois enfiou o papel de volta no envelope e o deixou dentro da grande travessa de cerâmica em cima da mesa, à direita da porta.

“O senhor recebeu nossa carta?”, o homem voltou a perguntar.

“Recebi, sim”, respondeu Brunetti.

“Vim conversar a respeito dela.”

“De que se trata?”, perguntou Brunetti, erguendo o ombro para manter o fone colado à orelha esquerda e se curvando para alcançar a pilha de papéis e envelopes que estavam na travessa.

“É sobre seu apartamento”, o homem respondeu. “É sobre o que escrevemos na carta.”

“É claro, é claro”, disse Brunetti, remexendo nos papéis e envelopes.

“Gostaria de conversar com o senhor, se for possível.”

Brunetti foi pego desprevenido pela solicitação e acabou concordando. “Está bem.” Apertou o dispositivo que abria o *portone*, quatro andares abaixo. “É no último andar.”

“Eu sei”, respondeu o homem.

Brunetti pôs o telefone no gancho e pinçou alguns envelopes que estavam bem embaixo na pilha. Havia uma conta de luz, um cartão-postal das Ilhas Maldivas que ainda não tivera a oportunidade de ver. E lá estava o tal envelope, com o nome do Ufficio Catasto em letras azuis, à esquerda e no alto. Tirou dele um papel, desdobrou-o, aproximou-o para melhor focalizar o que nele estava escrito, e leu rapidamente.

As mesmas expressões impenetráveis prenderam sua atenção: “De acordo com o Número Estatutário 1684-B da Comissão do Patrimônio Histórico; com referência ao Parágrafo 2784 do Artigo 127 do Código Civil de 24 de junho de 1948, subseção 3, parágrafo 5”; “Deixou de apresentar ao departamento a documentação adequada”; “Valor calculado de acordo com o subparágrafo 34-V-28 do decreto de 21 de março de 1947”. Brunetti correu os olhos pelo resto da primeira página e passou para a segunda, com mais cifras e com os mesmos termos oficiais. Escolado na burocracia de Veneza, sabia que algo poderia estar oculto no último parágrafo. Leu-o e aí estava a informação de que ele deveria aguardar novo contato do Ufficio Catasto. Voltou para a primeira página, mas o significado que espreitava atrás daquelas palavras, fosse qual fosse, continuava a escapar dele.

Como estava bem perto da entrada, ouviu os passos no último lance da escada e abriu a porta antes que a campanha soasse. O homem ainda se aproximava, tinha levantado a mão para bater e a primeira coisa que Brunetti notou foi o nítido contraste entre o punho erguido e o rapaz com ar desprezioso que se encontrava diante dele. O jovem, sobressaltado com a súbita abertura da porta, não disfarçava a surpresa. Seu rosto era comprido, tinha o nariz afilado tão comum entre os venezianos. Os olhos eram castanho-escuros, o cabelo era castanho e parecia ter sido cortado recentemente. Trajava um terno que poderia ter sido azul, mas que poderia também ter sido cinza. A gravata, escura, tinha um padrão miúdo e indistinguível. Trazia na mão direita uma surrada pasta de couro marrom, a qual condizia com a aparência de todo burocrata cinzento com que Brunetti teve de tratar, como se parte de sua formação profissional fosse a arte de se tornarem invisíveis.

“Franco Rossi”, ele disse, passando a pasta para a mão esquerda e estendendo a direita.

Brunetti apertou-a rapidamente e deu um passo atrás, convidando-o a entrar.

Rossi, educado, pediu licença e entrou no apartamento. Ficou à espera de que Brunetti indicasse aonde deveria ir.

“Por aqui, faça o favor”, disse Brunetti, levando-o para a sala em que estava lendo. Brunetti foi até o sofá, fechou o livro usando um tiquete de *vaporetto* como marcador e colocou-o em cima da mesa. Fez um gesto, indicando a Rossi que se sentasse diante dele e se acomodou no sofá.

Rossi se sentou na beirada da cadeira e pôs a pasta em cima dos joelhos. “Sei que hoje é sábado, *signor* Brunetti, e, portanto, farei o possível para não tomar seu tempo.” Olhou para Brunetti e sorriu. “O senhor recebeu nossa carta, não é mesmo? Espero que tenha tido tempo de examiná-la, *signore*”, disse com outro leve sorriso. Em seguida abaixou a cabeça e abriu a pasta. Tirou dela um volumoso dossiê azul, colocou-o cuidadosamente em cima da pasta e deu uns tapinhas num papel que estava quase escapando até que ele voltasse para o lugar.

“Para dizer a verdade”, declarou Brunetti, tirando a carta do bolso onde a tinha metido antes de abrir a porta, “estava justamente relendo-a e devo dizer que acho seus termos um tanto incompreensíveis.”

Rossi ergueu a cabeça e Brunetti notou um lampejo de genuína surpresa no rosto dele. “É mesmo? Pensei que tudo tinha ficado muito claro.”

Brunetti sorriu afavelmente e disse: “Tenho certeza de que é claro para aqueles que, como o senhor, lidam com essas questões todos os dias. Entretanto, para aqueles que não têm familiaridade com a linguagem ou terminologia particular do meio, torna-se um tanto difícil entender”. Rossi não disse nada e Brunetti acrescentou: “Tenho plena certeza de que todos nós conhecemos a linguagem de nossa própria burocracia. Talvez seja somente quando passamos para outra que a dificuldade surge”. Ele voltou a sorrir.

“Com qual burocracia tem familiaridade, *signor* Brunetti?”, perguntou Rossi.

Como não tinha o hábito de anunciar aos quatro ventos que era policial, Brunetti apenas declarou: “Estudei direito”.

“Certo”, disse Rossi. “Eu não seria levado a pensar que nossa terminologia fosse muito diferente da sua.”

“Talvez não seja mais do que minha falta de familiaridade com os códigos civis a que se refere em sua carta”, disse Brunetti com leveza.

Rossi pensou naquelas palavras por um momento e declarou: “Sim, é inteiramente possível, mas então o que é que o senhor não entende?”

“Seu significado”, respondeu Brunetti sem hesitar, pois não desejava mais fingir que entendia.

Mais uma vez aquele ar intrigado, que fazia com que Rossi parecesse quase um rapazinho. “Perdão, como assim?”

“O que a carta significa. Li, porém como não tenho a menor ideia, conforme lhe disse, da natureza das regulamentações a que ela se refere, ignoro seu significado, a que ela se aplica.”

“A seu apartamento, é claro”, respondeu Rossi rapidamente.

“Sim, isso eu entendi”, disse Brunetti num tom de voz que ele se esforçou para parecer paciente. “Como a carta veio de seu departamento, pelo menos isso eu entendi. O que não compreendo é qual o interesse que seu departamento poderia ter por meu imóvel.” E ele também não compreendia por qual motivo um funcionário daquele departamento escolheu visitá-lo justo num sábado.

Rossi olhou para a pasta em seu colo e em seguida para Brunetti, que de repente ficou surpreso ao notar como eram longos e compridos os cílios do rapaz, como os de uma mulher. “Pois não, pois não”, disse Rossi, voltando a olhar para a pasta. Abriu-a, tirou dela uma pasta menor, estudou sua etiqueta durante um instante e entregou-a a Brunetti, dizendo: “Talvez isso ajude a tornar as coisas mais claras”. Antes de fechar a pasta que ainda estava em seu colo, alinhou cuidadosamente os papéis que se encontravam dentro dela.

Brunetti abriu a pasta e tirou os papéis. Ao constatar como a



letra era pequena, inclinou-se para a esquerda e pegou os óculos. No alto da primeira página constava o endereço do prédio. Nela havia plantas dos apartamentos situados abaixo do seu. Na página seguinte estava uma lista de antigos proprietários daqueles imóveis, começando pelos depósitos do andar térreo. As duas páginas seguintes continham o que pareciam ser relatórios concisos das reformas realizadas em todos os apartamentos do prédio desde 1947, com as datas em que algumas permissões foram solicitadas e concedidas, a data em que o trabalho se iniciou e a data da aprovação final, quando as reformas chegaram ao fim. Não havia menção alguma a seu apartamento, o que sugeriu a Brunetti que a informação deveria constar dos papéis ainda em posse de Rossi.

Pelo que conseguia entender, Brunetti se deu conta de que o apartamento logo abaixo deles tinha sido reformado em 1977, quando os atuais moradores mudaram para lá. Isto é, foi o último apartamento a ser oficialmente reformado. Ele e Paola haviam jantado com os Calista em algumas ocasiões e muito lhes agradara as largas janelas da sala de estar, com vista quase desimpedida. No entanto, a planta indicava que as janelas eram bem pequenas, e somente quatro, não seis. Brunetti reparou que o pequeno lavabo à esquerda do hall de entrada do apartamento dos Calista não estava indicado em lugar algum. Ficou curioso para saber o motivo daquilo, mas com toda a certeza Rossi não era a pessoa a quem fazer aquela pergunta. Quanto menos o Ufficio Catasto tivesse conhecimento do que foi acrescentado ou modificado no interior do prédio, melhor seria para todos que moravam ali.

Dirigindo um olhar distraído para Rossi, Brunetti perguntou: “Esses registros se referem a datas muito antigas. Tem ideia de quando o prédio foi construído?”.

Rossi balançou a cabeça. “Não posso afirmar com precisão, mas pela localização e pelas janelas do andar térreo eu diria que a estrutura original data do final do século XV, não antes.” Fez

uma pausa, refletiu um pouco e acrescentou: “Eu diria que o último andar foi acrescentado no começo do século XIX”.

Dessa vez Brunetti encarou Rossi, surpreendido. “Não, foi muito depois disso. Foi depois da guerra”. Como Rossi não disse nada ele acrescentou: “A Segunda Guerra Mundial”.

Como Rossi insistia em não reagir, Brunetti perguntou: “Não lhe parece que é verdade?”.

Após um momento de hesitação, Rossi declarou: “Eu estava me referindo ao último andar”.

“E eu também”, disse Brunetti com alguma rispidez, aborrecido com o fato de que aquele funcionário de um departamento que lidava com alvarás de construção não entendesse algo tão simples. Diminuiu o tom de voz e prosseguiu: “Quando adquiri este apartamento, entendi que ele foi acrescentado após a última guerra e não no século XIX”.

Em vez de responder, Rossi acenou para os papéis que ainda estavam na mão de Brunetti. “Talvez o senhor pudesse examinar melhor a última página, *signor* Brunetti.”

Intrigado, Brunetti releu os últimos parágrafos, mas, pelo que conseguiu entender, eles diziam respeito unicamente aos dois apartamentos situados abaixo do seu. “Não sei o que quer que eu veja exatamente, *signor* Rossi”, ele declarou, tirando os óculos. “Isso diz respeito ao apartamento de baixo, não ao nosso. Não existe menção alguma a este andar.” Virou o papel para ver se havia algo escrito no verso, mas estava em branco.

“Foi por isso que eu vim”, disse Rossi, endireitando-se na cadeira enquanto falava. Inclinou-se, pôs a pasta de couro no chão à esquerda dos pés e manteve no colo a pasta com papéis.

“É mesmo?” Brunetti entregou o papel para ele.

Rossi pegou-o, guardou-o cuidadosamente e abriu a pasta maior. “Parece que há dúvidas sobre o status oficial de seu apartamento.”

“Status oficial?”, repetiu Brunetti, desviando o olhar para a esquerda de Rossi, contemplando a parede sólida e depois o

teto, igualmente sólido. “Acho que eu não estou entendendo o que o senhor quer dizer.”

“Há algumas dúvidas sobre o apartamento”, declarou Rossi com um sorriso que Brunetti interpretou como um pouco de nervosismo. Antes que ele pudesse solicitar novamente um esclarecimento, Rossi prosseguiu. “Não existem documentos no Ufficio Catasto que atestem a concessão de alvarás para todo este andar ou mesmo que eles foram aprovados quando ele foi construído ou...” Ele voltou a sorrir. “Se é que ele foi construído.” Ele pigarreou e prosseguiu: “Nossos registros mostram que o andar de baixo é o último andar”.

Brunetti achou que Rossi estava brincando, mas então viu o sorriso dele desaparecer e se deu conta de que ele falava sério. “Mas todas as plantas estão nos papéis que recebemos quando adquirimos este apartamento”.

“Pode mostrá-los?”

“Mas é claro”, disse Brunetti, levantando-se. Sem pedir licença, foi até o escritório de Paola e ficou parado durante um momento, estudando as lombadas dos livros cujas estantes ocupavam três paredes da sala. Finalmente alcançou a última e dela tirou um grande envelope repleto de papéis, que levou para a sala. Antes, porém, fez uma pausa para abrir o envelope e dele tirou o documento que receberam, havia quase vinte anos, do tabelião que tratara da aquisição do apartamento para eles. Voltou e entregou a Rossi o documento.

O jovem começou a lê-lo, seguindo cada linha com o dedo. Virou a página, leu o restante, e assim procedeu até chegar ao final. Um “hum” abafado escapou de seus lábios, mas ele não disse nada. Ao acabar de ler fechou o documento, colocando-o no colo.

“São os únicos papéis?”, perguntou.

“Sim, é só o que temos.”

“E nenhuma planta? Nenhum alvará de construção?”

Brunetti sacudiu a cabeça. “Não, não me recordo de nada

disso. São os únicos documentos que nos foram dados na época da compra. Não me lembro de ter voltado a eles desde então.”

“O senhor disse que estudou direito, não é mesmo, *signor Brunetti*?”, Rossi perguntou finalmente.

“Estudei, sim.”

“Exerce a advocacia?”

“Não”, respondeu, sem entrar em detalhes.

“Se acaso a exercesse quando assinou esses papéis, muito me surpreenderia o fato de não haver notado, na página 3 do contrato, o parágrafo que declara que o senhor está adquirindo o apartamento no estado legal e físico em que o encontrou no dia em que a propriedade passou para seu nome.”

“Creio que é a linguagem padrão empregada em qualquer contrato de transferência”, afirmou Brunetti, evocando uma vaga lembrança de uma das aulas de direito civil e torcendo para não ser traído pela memória.

“A parte relativa ao estado físico é o padrão, sim, mas não a parte referente ao estado legal e o mesmo acontece com o trecho seguinte”, comentou Rossi, abrindo novamente a pasta e procurando, até encontrar o tal trecho. “Na ausência do *condono edilizio*, o comprador aceita plena responsabilidade de providenciar o mesmo em prazo oportuno e absolve os vendedores de quaisquer responsabilidades ou consequências que possam ocorrer no que se refere à situação legal do apartamento e/ou da falha em obter este *condono*.” Rossi encarou-o e Brunetti julgou ter percebido uma profunda tristeza em seu olhar, ao pensar que alguém pudesse ter assinado semelhante coisa.

Brunetti não se recordava de modo algum daquela especificação. Na época, ele e Paola estavam tão empenhados na aquisição do apartamento que fez o que o tabelião disse, assinou tudo aquilo que lhe foi apresentado.

Rossi voltou para a página inicial, onde estava escrito o nome do tabelião. “Foi o senhor quem escolheu o tabelião?”, perguntou Rossi.

Brunetti nem sequer se lembrava do nome dele e precisou

olhar o documento. “Não, o vendedor foi quem sugeriu que o procurássemos e foi o que fizemos. Por que pergunta?”

“Por nenhum motivo em especial”, apressou-se em dizer Rossi.

“Por quê? Sabe algo a respeito dele?”

“Me parece que ele não exerce mais a profissão”, declarou Rossi com certa suavidade.

Acabando de perder a paciência com as perguntas de Rossi, Brunetti subiu o tom: “Gostaria de saber o significado de tudo isso, *signor* Rossi. Existe alguma dúvida de que somos proprietários deste apartamento?”.

Rossi voltou a sorrir nervosamente. “Receio que a situação seja um pouco mais complicada do que isso, *signor* Brunetti.”

Brunetti não tinha a menor ideia do que poderia ser mais sério do que aquilo. “Mas então diga do que se trata.”

“Receio que este apartamento não exista.”

## 2.

“O quê?”, gritou impulsivamente Brunetti. Percebeu que estava extravasando um bocado de raiva, mas foi em frente. “O apartamento não existe? O que quer dizer com isso?”

Rossi se encostou na cadeira, como se quisesse escapar da órbita da ira de Brunetti. Parecia achar intrigante que alguém reagisse com tamanha energia ao fato de ele ter questionado a existência de uma realidade perceptível. Ao perceber que Brunetti não tinha uma intenção violenta, relaxou um pouco, pôs os documentos no colo e disse: “O que quero dizer é que o apartamento não existe para nós, *signor* Brunetti”.

“E o que isso significa, que ele não existe para os senhores?”

“Significa que não existem registros do imóvel em nosso departamento. Não possuímos solicitações de alvarás, nenhuma planta, nem a aprovação final da obra realizada. Em resumo, não contamos com provas documentais de que este apartamento foi construído.” Antes que Brunetti pudesse se manifestar, Rossi acrescentou, pondo a mão sobre a pasta que ele lhe entregara. “Infelizmente o senhor não pode nos proporcionar essa documentação.”

Brunetti se recordou de uma história que Paola lhe contara, sobre um escritor inglês que, confrontado com um filósofo que advogava a inexistência da realidade, deu um pontapé numa

pedra e lhe perguntou o que ele diria *daquilo*. Voltou seu pensamento para questões mais urgentes. Seu conhecimento dos procedimentos adotados por outros departamentos da cidade era vago, mas escapava ao seu entendimento que aquela espécie de informação se mantivesse no Ufficio Catasto, onde, tanto quanto sabia, eram guardados somente documentos relativos a títulos de propriedade. “É normal que seu departamento se interesse por isso?”

“No passado, não”, respondeu Rossi com um sorriso tímido, como se lhe agradasse que Brunetti fosse suficientemente informado para fazer tal pergunta. “No entanto, como resultado de novas diretivas, nosso departamento foi encarregado de organizar um arquivo abrangente e computadorizado de todos os apartamentos da cidade que foram declarados monumentos históricos pela Comissão do Patrimônio Histórico. Este prédio é um deles. Estamos na fase de reunir a documentação e os arquivos dos vários departamentos da cidade. Assim, um departamento central, o nosso, disporá de cópias da documentação completa, relativa a cada apartamento da lista. No fim, esse sistema centralizado nos poupará um tempo considerável.”

Havia duas semanas, refletiu Brunetti, ao observar o sorriso de satisfação de Rossi após se pronunciar, *Il Gazzettino* publicara um artigo anunciando que, por falta de recursos financeiros, a dragagem dos canais da cidade tinha sido interrompida. “Quantos apartamentos constam da lista?”, perguntou.

“Oh, não temos a menor ideia. É um dos motivos pelos quais está sendo realizado esse levantamento.”

“E quando foi iniciado?”

“Há onze meses”, respondeu Rossi imediatamente, deixando Brunetti com poucas dúvidas de que se ele fosse inquirido, poderia também informar a data exata.

“E quantos documentos desses arquivos vocês compilaram até agora?”

“Bem, como alguns de nós se voluntariaram para trabalhar

nos sábados, compilamos mais de mil”, declarou Rossi, sem fazer a menor tentativa de disfarçar seu orgulho.

“E quantos de vocês estão trabalhando nesse projeto?”

Rossi olhou para sua mão direita e, partindo do polegar, começou a contar os colegas. “Oito, penso eu.”

“Oito”, repetiu Brunetti. Parou de pensar nos cálculos que fizera e perguntou: “O que tudo isso significa? Para mim, quero dizer”.

A resposta de Rossi foi imediata. “Quando não dispomos de documentos de um apartamento, a primeira coisa que fazemos é solicitar ao proprietário que os providencie, mas não existe nada de adequado nessa pasta. Tudo o que ela contém é o contrato de transferência, e assim temos de presumir que não lhe foram entregues quaisquer registros que os proprietários anteriores pudessem ter relativos à construção original.” Antes que Brunetti pudesse interrompê-lo, ele prosseguiu. “Isso significa que ou esses registros foram perdidos, o que sugere que eles existiram, ou não. Quero dizer, não existiram.” Ele olhou para Brunetti, que continuou calado. Rossi prosseguiu. “Se eles estão perdidos e se o senhor afirma que nunca os teve, então eles devem ter ido parar em um dos departamentos da cidade.”

“Nesse caso o que os senhores farão para localizá-los?”

“Ah, não é tão simples assim. Não temos obrigação de manter cópias desses documentos. O Código Civil deixa bem claro que isso é responsabilidade da pessoa a quem pertence a propriedade que está sendo examinada. Sem dispor de suas cópias, o senhor não pode argumentar que perdemos as nossas, está entendendo o que quero dizer?”, ele perguntou com outro breve sorriso. “É impossível para nós iniciarmos uma busca dos papéis, pois não temos condição de usar mão de obra numa atividade que talvez seja inútil.” Ao observar a reação de Brunetti, ele explicou: “É porque esses papéis podem não existir, sabe?”.

Brunetti mordeu o lábio e perguntou: “E se eles não foram perdidos e se jamais existiram?”.



Rossi abaixou os olhos e se concentrou em seu relógio, que ajeitou melhor no pulso. “Nesse caso, *signore*”, explicou finalmente, encarando Brunetti, “isso significa que o alvará jamais foi concedido e que a obra final nunca foi aprovada.”

“É possível, não? Logo depois da guerra todo mundo se pôs a construir.”

“É verdade”, disse Rossi, com a fingida modéstia de alguém que passou sua vida profissional lidando exatamente com aquelas questões. “Porém a maioria desses projetos, fossem eles pequenos restauros ou amplas reformas, recebeu alvará e assim obteve status legal, pelo menos em nosso departamento. O problema aqui é que não existe alvará”, ele declarou, com um gesto que abrangia as paredes, o assoalho, o teto.

“Se posso repetir minha pergunta, *signor* Rossi”, disse Brunetti, forçando um tom de calma e sensatez, “o que isso significa especificamente para mim e para meu apartamento?”

“Lamento não ter autoridade para responder, *signore*”, disse Rossi, devolvendo a pasta a Brunetti. Abaixou, pegou sua pasta de couro e levantou. “Minha responsabilidade consiste unicamente em visitar proprietários de imóveis e verificar se os documentos faltantes estão em sua posse.” A expressão de seu rosto mudou e Brunetti julgou detectar nela um real desapontamento. “Sinto saber que o senhor não dispõe desses papéis.”

Brunetti também se levantou. “E o que acontecerá de agora em diante?”

“Isso depende da Comissão do Ufficio Catasto.” Rossi deu um passo em direção à porta.

Brunetti foi para o lado esquerdo, sem bloquear a saída de Rossi, mas criando definitivamente um obstáculo entre o rapaz e a porta. “O senhor disse que acha que o andar de baixo foi acrescentado no século XIX. No entanto, se ele foi adicionado mais tarde, junto com este andar, isso mudaria as coisas?” Por mais que tentasse, Brunetti não conseguia disfarçar um tom de esperança.

Rossi refletiu durante algum tempo e acabou dizendo, com

cautela e reserva: “Talvez. Sei que o andar de baixo possui todos os alvarás e aprovações e assim, se for demonstrado que este andar foi acrescentado ao mesmo tempo, isso poderia servir como argumento de que os alvarás foram concedidos”. Ele refletiu, um burocrata a quem havia sido apresentado um novo problema. “Sim, isso poderia mudar as coisas, embora eu certamente não me encontre em posição de julgar.”

Animado momentaneamente diante da possibilidade de um recuo, Brunetti foi até a porta da varanda e a abriu. “Deixe-me mostrar uma coisa”, disse, voltando-se para Rossi e abanando a mão através da porta aberta. “Sempre achei que as janelas do andar de baixo eram iguais às nossas.” Prosseguiu, sem encará-lo. “Se der uma olhada no andar de baixo, à esquerda, verificará o que quero dizer.” Com a desenvoltura proporcionada por uma longa familiaridade, Brunetti se inclinou sobre a parede que chegava à altura de sua cintura, apoiando-se nas palmas das mãos, para olhar as janelas do apartamento de baixo. No entanto, agora que as estudava, podia perceber que as janelas não se pareciam. As de baixo tinham molduras esculpidas em mármore branco de Istria; as suas não passavam de retângulos encaixados nos tijolos das paredes.

Ele se endireitou e se voltou para Rossi. O rapaz parecia estar imobilizado, com o braço esquerdo esticado na direção de Brunetti, a mão espalmada, como se estivesse tentando afastar maus espíritos, e olhava fixamente o proprietário.

Brunetti deu um passo em direção a ele, mas Rossi recuou rapidamente, com a mão ainda espalmada.

“O senhor está bem?”, perguntou Brunetti, parando na porta.

O rapaz tentou falar, mas não emitia som algum. Abaixou o braço e disse algo, mas sua voz era tão baixa que Brunetti não conseguiu distinguir nada.

Numa tentativa de atenuar o mal-estar do momento, Brunetti disse: “Bem, receio não ter razão no que se refere às janelas. Nada há para se ver nelas”.

O rosto de Rossi se descontraiu e ele tentou sorrir, mas seu nervosismo continuava e era contagioso.

Tentando se livrar de todos os pensamentos sobre a varanda, Brunetti perguntou: “Pode me dar alguma ideia de quais serão as consequências de tudo isso?”.

“Como assim?”

“O que pode acontecer?”

Rossi deu um passo atrás e começou a responder. Sua voz assumiu os ritmos curiosamente encantatórios de alguém que ouviu a si próprio dizer a mesma coisa em incontáveis ocasiões. “No caso em que as permissões foram solicitadas na época da construção, mas a aprovação final não foi concedida, é aplicada uma multa, dependendo da seriedade da violação dos códigos de construção vigentes na época.” Brunetti permaneceu imóvel e o rapaz prosseguiu: “No caso em que nem a solicitação nem o alvará foram concedidos, a questão é passada para a Sovrintendenza dei Beni Culturali e eles julgam de acordo com o montante do prejuízo que a estrutura ilegal ocasiona à configuração da cidade”.

“E daí?”

“Algumas vezes é imposta uma multa.”

“E...?”

“E algumas vezes a estrutura ilegal tem de ser demolida.”

“O quê?”, explodiu Brunetti, deixando de lado toda a aparente calma.

“Algumas vezes a estrutura ilegal tem de ser demolida.” Rossi deu um débil sorriso, sugerindo que de modo algum era responsável por essa possibilidade.

“Mas eu moro aqui”, disse Brunetti. “O senhor está falando de demolir minha casa.”

“Isso acontece raramente, acredite em mim”, declarou Rossi, como se estivesse tentando tranquilizá-lo.

Brunetti não achou mais nada para dizer. Ao notar isso, Rossi virou e se preparou para sair. Assim que se viu diante da porta, uma chave girou na fechadura e a porta se abriu. Paola

entrou no apartamento e sua atenção se dividia entre duas grandes sacolas de plástico, a chave e três jornais que começavam a escorregar da mão esquerda. Notou Rossi apenas quando ele deu instintivamente um passo adiante, numa tentativa de segurar os jornais antes que caíssem. Paola ofegou, surpreendida, derrubou as sacolas, recuou e bateu o cotovelo na porta aberta. Arfou, por causa do susto ou da dor, enquanto começava a esfregar o cotovelo.

Brunetti se aproximou rapidamente dela. “Paola, não se preocupe. Este senhor está aqui comigo.” Desviou-se de Rossi e segurou o braço de Paola. “Você pegou a gente de surpresa”, disse, tentando acalmá-la.

“Vocês também me pegaram de surpresa”, ela respondeu, conseguindo sorrir.

Brunetti ouviu um ruído. Rossi, que encostara sua pasta de couro na parede, se apoiava num joelho e punha laranjas de volta numa das sacolas.

“*Signor Rossi*”, disse Brunetti. O rapaz terminou o que estava fazendo, levantou e colocou a sacola sobre a mesa ao lado da porta.

“Apresento-lhe minha esposa”, disse Brunetti sem necessidade. Paola parou de esfregar o cotovelo e estendeu a mão para Rossi. Cumprimentaram-se, disseram coisas apropriadas, Rossi se desculpou por assustá-la e Paola o deixou à vontade.

“O *signor Rossi* é do Ufficio Catasto”, Brunetti disse finalmente.

“Do Ufficio Catasto?”

“Sim, *signora*. Vim falar com seu marido a respeito do apartamento.”

Paola olhou rapidamente para Brunetti e algo no rosto dele a fez se voltar para Rossi com seu mais envolvente sorriso. “*Signor Rossi*, pelo visto o senhor estava de saída. Não me deixe atrasá-lo, por favor. Tenho certeza de que meu marido me explicará tudo. Não há motivos para o senhor perder seu tempo, especialmente num sábado.”

“É muita bondade de sua parte, *signora*”, disse Rossi calorosamente. Voltou-se para Brunetti, agradeceu o tempo que ele lhe concedera e pediu novamente desculpas a Paola, mas sem apertar a mão de nenhum dos dois. Assim que fechou a porta, ela perguntou: “O Ufficio Catasto?”.

“Acho que eles querem demolir o apartamento”, foi a explicação de Brunetti.